

Editorial 72 – O produto e o emprego até ao 3.º Trimestre de 2022

Por: Heitor Carvalho

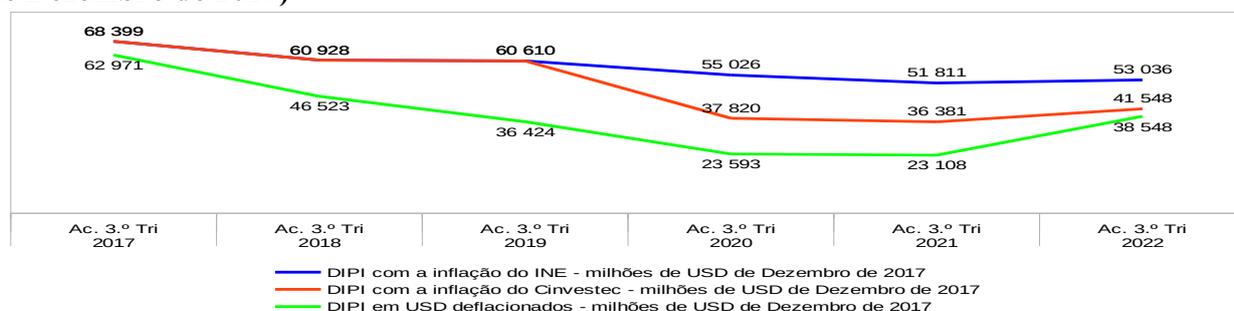
Produto

Há muitas formas de calcular o PIB. Devido aos múltiplos problemas do cálculo do INE apresentamos como leituras alternativas o PIB deflacionado pela inflação do INE, pela inflação corrigida pelo CINVESTEC e em USD deflacionados.

Dividimos o PIB nominal em duas componentes: a produção interna “consumida” internamente (Despesa Interna em Produtos Internos – DIPI), também por vezes chamada, incorrecta mas sugestivamente, de “produção interna”; e a produção interna “consumida” externamente (Exportações).

Porque não termos esta divisão no PIB em medidas de volume apresentamos estas componentes apenas nos cálculos deflacionados.

Tabela/Gráfico 1 — “Produção interna” até Setembro de cada ano em valor (milhões de USD de Dezembro de 2017)



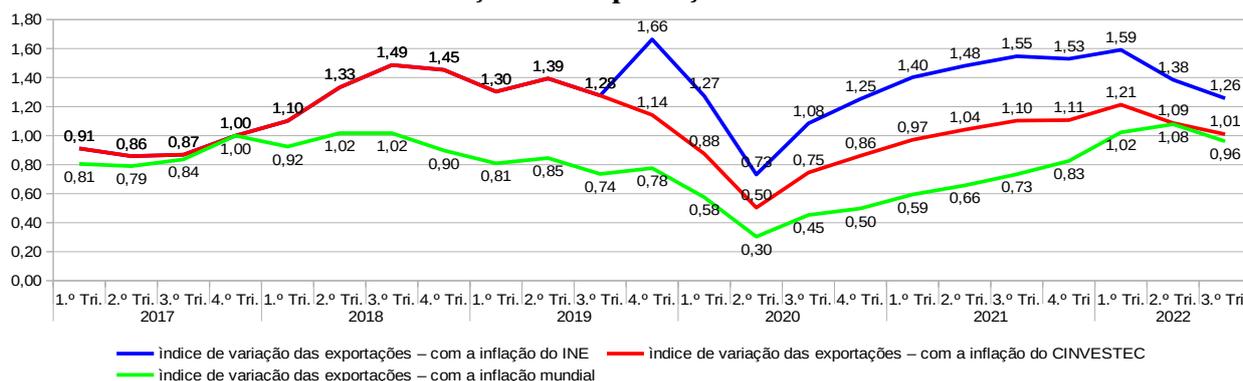
Fonte: INE, BNA e CINVESTEC.

Qualquer que seja a perspectiva de leitura, a “produção interna” decresceu ao longo da legislatura, sendo muito tímida a recuperação até ao final de 2022.

A enorme dependência dos rendimentos petrolíferos determinou uma queda considerável da produção de valor, com a destruição de inúmero capital e emprego formal, tendo sido agravada pelo choque da crise do IVA/Taxa Flexível e pela covid-19. Esta circunstância deveria servir-nos de guia para o que estamos a fazer, agora que os rendimentos petrolíferos estão a crescer e a aumentar o emprego, o produto, o investimento e o número de empresas. Do que hoje fizemos dependerá o futuro do país: ou nos mantemos neste sobe e desce ao sabor do petróleo ou, definitivamente, ganhamos a nossa segunda independência, aproveitando o petróleo em vez de nos deixarmos aprisionar por ele!

Infelizmente está totalmente enraizada na população, nos políticos e até na academia a ideia de que, quando há rendimentos do petróleo, a prioridade é consumir!

Tabela/Gráfico 2 — Índice de variação das exportações deflacionadas

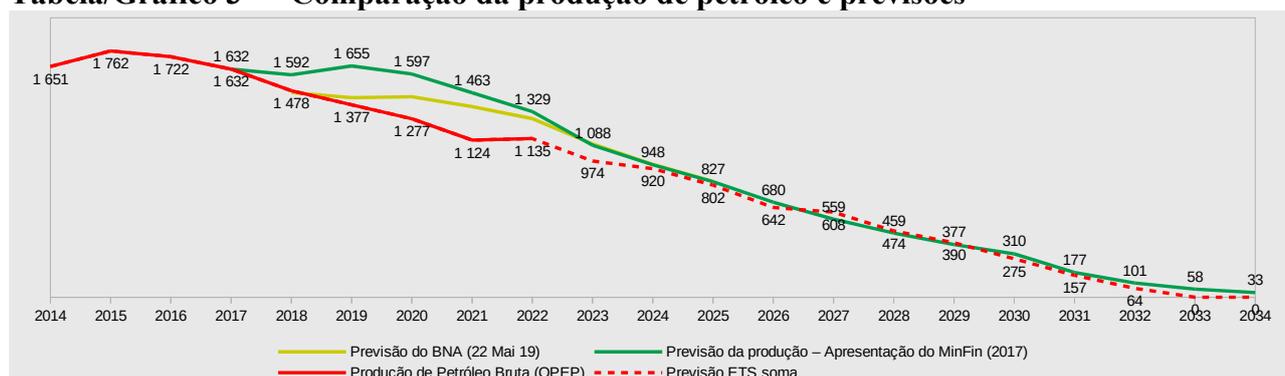


Fonte: BNA e INE e CINVESTEC e Statista.

A variação das exportações deflacionadas mostra que os decréscimos nominais em USD foram anulados pela relação entre a taxa de câmbio e a inflação interna. Medido em produtos transaccionados no mercado externo, o valor das exportações ultrapassa ligeiramente o valor do 4.º Trimestre de 2017 nos 1.º e 2.º Trimestres de 2022, mas volta a cair no 3.º Trimestre. Tendo em consideração a artificialidade das taxas de câmbio durante uma boa parte da série e os problemas com o cálculo da inflação, o valor em USD deflacionados da inflação mundial parece, apesar de tudo, ser o que melhor corresponde à realidade.

A principal preocupação com a evolução das exportações é, naturalmente, a referente à produção e aos preços do petróleo.

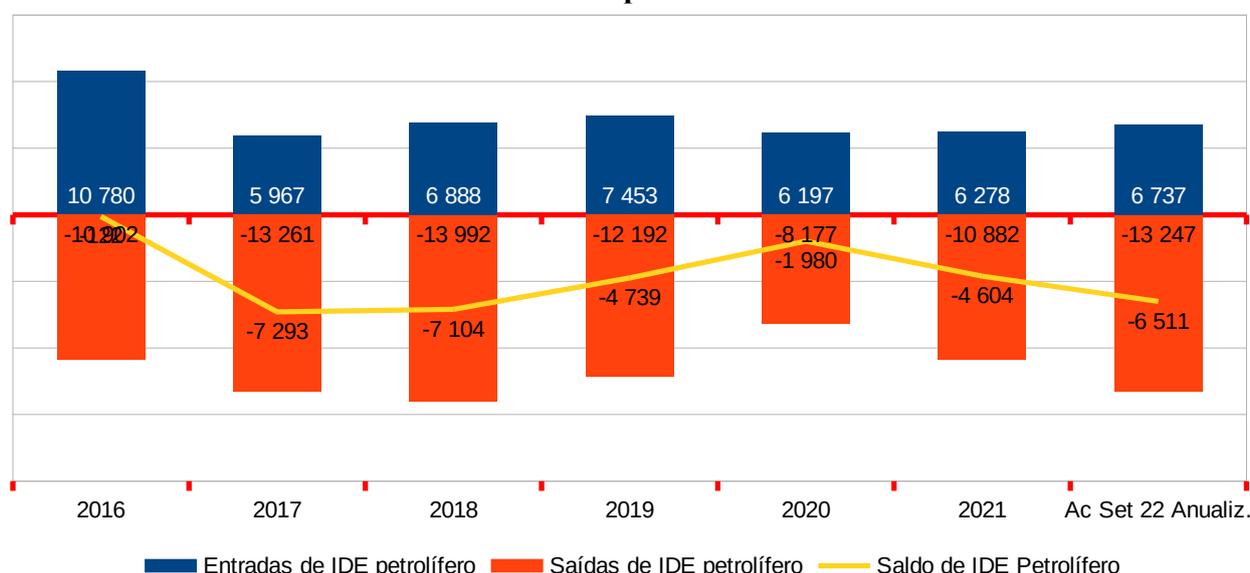
Tabela/Gráfico 3 — Comparação da produção de petróleo e previsões



Fontes: BNA, MinFin e OPEP.

A actual estabilidade da produção permite uma ligeira ultrapassagem da produção prevista entre 2027 e 2029. Porém, os dados continuam a mostrar que a produção deixa de ser significativa no final da próxima legislatura (500 mil barris/dia em 2028), praticamente desaparecendo em 2032. Desde 2019 até 2022 (Agosto), a produção efectiva reportada pela OPEP situou-se sempre abaixo da previsão apresentada, em 2018, pelo BNA: -4%, -11%, -18% e -11%, nos anos sucessivos.

Tabela/Gráfico 4 — Entradas e saídas de IDE petrolífero



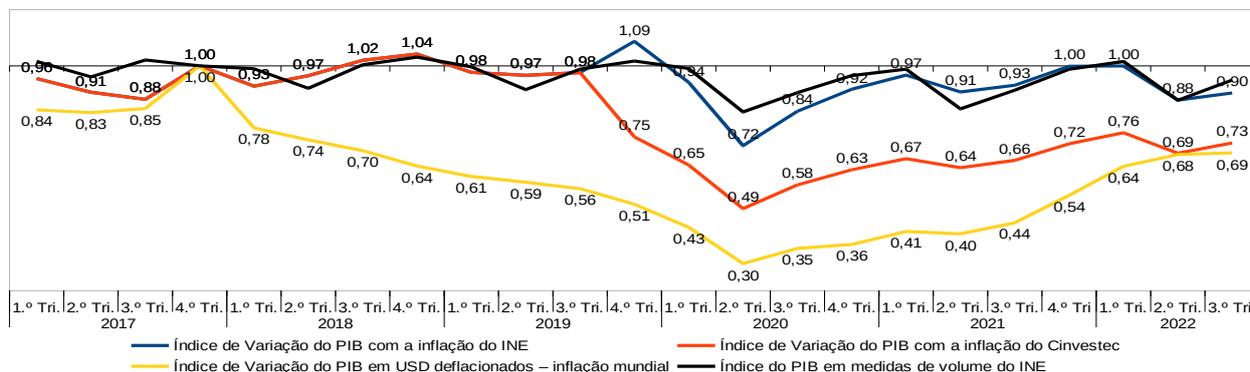
Fonte: BNA.

Os dados de 2022 estão anualizados. Acumulado em Set/9*12.

Porém, os preços anormalmente altos do petróleo não estão a atrair mais investimento para o sector, com os valores a oscilarem entre 6 e 7 mil milhões de USD por ano, sendo sempre inferiores às saídas de IDE petrolífero. Sem investimentos mais significativos não se conseguem estudar novas reservas que substituam a produção dos poços em fase de esgotamento, e as previsões acima apresentadas parecem mais assertivas. Há a tese contrária que defende, com optimismo, que a

produção estagnar  por volta do milhão de barris/dia. Gostávamos de acreditar nesta previsão, mas, sem dados para a sustentar, a probabilidade parece remota.

Tabela/Gráfico 5 — Varia o homóloga do PIB com os diversos cálculos – 4.  Trimestre de 2017 = 1



Fontes: BNA e INE.

No gráfico do PIB já   possível apresentar o cálculo do INE em medidas encadeadas de volume. O valor nominal deflacionado pela infla o do INE   muito mais próximo das medidas de volume, demonstrando ambas as mesmas inconsistências: durante a pandemia o produto cai muito pouco para os nível de confinamento e restri o da actividade a que estivemos sujeitos, recuperando logo para os níveis pré-pandemia no final de 2020, quando ainda vigoravam fortes restri es sanitárias; a recupera o em 2021   pouco significativa e, em 2022, há uma queda da actividade nos 2.  e 3.  Trimestres, sem qualquer sentido que nos parece ser apenas resultante de um valor excessivo da infla o.

Emprego

A situa o do emprego nas cidades continua muito grave:

- as condi es de emprego são muito precárias, forçando quase todos os adultos a trabalhar (agora 88,4%);
- uma parte significativa não o consegue fazer (agora um pouco menos de 40%);
- dos felizardos que conseguem algum tipo de remunera o, 66% são “biscateiros”!

De qualquer forma, assiste-se, em 2022 a uma melhoria ligeira da situa o do emprego, findas as restri es da pandemia e beneficiando da transferência dos rendimentos petrolíferos para a economia não-petrolífera, que prevemos que venha a acentuar-se.

O desemprego rural tem uma relevância muito relativa porque, a , quase toda a popula o activa se dedica   produ o agrícola tradicional. Isso mesmo   ilustrado por uma taxa de actividade de 95%, por uma empregabilidade de 80% e por uma prevalência do emprego informal rural de 95%! Apesar de tudo, a taxa de desemprego rural   relativamente elevada (17%).

O problema do mundo rural tradicional   a falta de mercados. O camponês tem e sempre teve capacidade técnica para produzir para o consumo da sua família e para melhorar o seu nível de vida e produtividade; porém, se não há rádios, bicicletas, enlatados, peixe seco, catanas ou kupapatas para comprar, ou se tudo   extremamente caro, deixa de haver qualquer incentivo para produzir excedentes comerciais! O drama rural não  , portanto, como nas cidades, o desemprego, mas uma vida completamente vazia e uma extrema fragilidade perante as crises climáticas, que põe em causa a própria sobrevivência física.   por isso que a fome   um facto!

Tabela/Gráfico 6 — Emprego formal e informal em milhares de pessoas

Emprego	2020				2021				2022			4.� Tri. 2019	4.� Tri. 2021	3.� Tri. 2022	22/21	22/19
	2.� Tri.	3.� Tri.	4.� Tri.	1.� Tri.	2.� Tri.	3.� Tri.	4.� Tri.	1.� Tri.	2.� Tri.	3.� Tri.						
Popula�o empregada	10,073	10,113	10,749	10,821	10,715	10,649	10,888	11,219	11,371	11,460	9,925	10,888	11,460	0,572	1,535	
Emprego formal	2,019	2,067	2,064	2,141	2,172	2,009	2,100	2,184	2,359	2,388	2,531	2,100	2,388	0,288	-0,143	
Emprego informal	8,053	8,046	8,686	8,680	8,544	8,639	8,788	9,035	9,012	9,072	7,394	8,788	9,072	0,284	1,678	

Fonte: INE e Expansão. Cálculos do CINVESTEC com base nos números e taxas do INE. Os dados do 4.º Trimestre de 2019 são os apresentados no jornal *Expansão* n.º 609, de 29 de Janeiro de 2021.

Relativamente a 2019, observa-se um aumento de 1.535 mil empregos, com uma perda de 143 mil empregos formais e um aumento de quase 1,7 milhões de “empregos” informais. O crescimento do emprego formal mostra uma clara desaceleração no 3.º Trimestre, apenas tendo sido acrescentados cerca de 30 mil empregos, face aos cerca de 175 mil do 2.º Trimestre.

Nos últimos 12 meses, o emprego formal aumentou apenas 288 mil postos de trabalho, o que é muito pouco para uma fase pós-pandemia; o emprego informal também aumentou cerca de 284 mil postos de trabalho, quase exclusivamente no 1.º Trimestre.

Na actual legislatura, com um aumento previsto das pessoas com mais de 15 anos na ordem dos 4 milhões, entre 2022 e 2027 (INE), e mantendo-se uma taxa global de actividade de cerca de 90%, teremos uma necessidade de perto de 3,6 milhões de postos de trabalho adicionais, o que contrasta como os 2,4 milhões de empregos formais existentes no final de Setembro de 2022.

Na ausência de empregos e rendimentos, a população viu-se obrigada a “desenrascar-se” para sobreviver, criando empregos precários, mal remunerados e sem quaisquer garantias. Por isso mesmo, todos os elementos da família se viram obrigados a procurar emprego (taxa de actividade próxima de 90%), resultando no abandono escolar precoce e na entrega das crianças ao cuidado dos irmãos mais velhos, desestruturando as famílias, a educação familiar e a aprendizagem nas escolas e perpetuando gerações de pessoas pouco conhecedoras, pouco produtivas e vivendo em condições de elevada miséria.

Luanda, 13 de Março de 2023